


VÍCIO FATAL

Nenhum Segredo Morre Sozinho

+18



Ela chegou sem aviso,
como uma faca
entra numa fruta madura....

Wagner R. Bomfim

VÍCIO FATAL

Nenhum Segredo Morre Sozinho

CARTA AO AUTOR

Prezado leitor,

Existem livros que se leem. Existem livros que se vivem. E existe este — que se sobrevive.

Se você abriu esta capa esperando um romance água com açúcar, um erotismo de novela das nove ou um suspense que se resolve em 200 páginas com um final feliz, devolva este livro agora. Pegue o dinheiro de volta. Compre um chá e vá para a cama.

Este livro não é para você.

Este livro é para os que já acordaram com o gosto de sangue na boca e não souberam dizer se era o próprio. Para os que já misturaram pó e tesão numa mesma linha e depois passaram três dias tentando lembrar se foi amor ou assassinato. Para os que sabem que o prazer e a morte são irmãos siameses — um não existe sem o outro.

Meu nome é Daniel. Fui escritor. Hoje sou apenas uma testemunha.

Testemunha de como uma mulher pode destruir três homens em três anos sem nunca sujar as próprias mãos. Testemunha de como o desejo — esse embrulho de carne e vício que chamamos de amor — é capaz de transformar um homem comum em algo que ele mesmo não reconhece no espelho.

Elena não é uma personagem. Elena é uma doença. E como toda doença, ela me ensinou uma verdade simples: o vício não é a droga. O vício é a promessa de que a próxima dose vai te curar.

A minha dose foi ela.

Este livro é minha desintoxicação. São mais de 400 páginas de confissão, sexo, mentiras, pó, orgasmos e um assassinato que ninguém conseguiu provar — exceto eu, porque eu estava lá, nu, com o cheiro dela ainda na minha pele, vendo um homem morrer.

Se você quer saber como o prazer vira veneno, vire a página.

Mas não diga que não avisei.

Com ódio, desejo e um pouco de saudade,

— Daniel

PRÓLOGO

O Depoimento (Três anos após o crime)

Narrador: Daniel (presente – em depoimento)

A sala da delegacia cheirava a café requentado, desinfetante barato e desespero.

Não o desespero de quem vai ser preso — esse é um cheiro agudo, metálico, que sobe pelo nariz e aperta o peito como uma mão invisível. O cheiro daquela sala era mais antigo, mais mofado. Era o cheiro de quem já desistiu de tudo, inclusive de ter medo.

Eu estava sentado numa cadeira de plástico branca, dessas de jardim, que rangia a cada mínimo movimento. Minhas mãos repousavam sobre a mesa de madeira lascada, uma sobre a outra, como se eu estivesse rezando. Não estava. Fazia anos que eu não rezava. A última vez tinha sido na noite em que Elena sumiu.

Na minha frente, do outro lado da mesa, uma mulher me observava em silêncio.

Bianca tinha 41 anos, mas parecia ter 60. O rosto era marcado por uma vida de serviço público e noites mal dormidas — rugas profundas ao redor dos olhos, um sulco amargo nos cantos da

boca, a pele ressecada pelo café e pelo cigarro. Os olhos eram azuis de geladeira velha: frios, calculistas, sem nenhum brilho de esperança. Uma cicatriz recente cortava a sobrancelha esquerda, dividindo-a em duas metades desalinhadas. Ela havia ganhado aquela cicatriz três meses antes, de um traficante que ela mesma matou com dois tiros no peito — o primeiro para parar, o segundo para garantir.

Bianca usava um tailleur marrom de alfaiataria barata, daqueles que disfarçam os ombros largos de quem treina muay thai nas manhãs de domingo. A arma na cintura era uma Glock 19, regulamentar, mas com o cabo desgastado de tanto uso. Ela não a escondia. Queria que eu visse.

Ao lado dela, sobre a mesa, uma pasta amarela. Dentro dela, minha vida — ou o que restava dela.

— Daniel — ela começou, enfim.

A voz era grave, rouca de cigarro, com um sotaque do interior que ela tentava esconder mas nunca conseguia completamente.

— Eu vou te fazer algumas perguntas. Você vai responder com a verdade. Não vou anotar nada. Não vou gravar nada. Isso aqui não é um interrogatório oficial. É uma conversa entre duas pessoas que querem a mesma coisa.

— O quê? — perguntei. Minha própria voz soou estranha — rouca também, mas de silêncio, não de cigarro. Eu não falava com ninguém há semanas.

— Você quer encontrar Elena. Eu quero fechar um caso que está aberto há três anos. Se a gente colaborar, os dois saem ganhando.

— E se eu não colaborar?

Bianca inclinou o corpo para frente. O tailleur rangeu. A cicatriz na sobrancelha pareceu se contrair.

— Se você não colaborar, eu te prendo agora mesmo. Tenho provas suficientes para te manter na cadeia enquanto eu descubro o resto. Não vão ser provas fortes o suficiente para uma condenação definitiva — você tem um bom advogado, eu sei — mas vão ser fortes o suficiente para te segurar por 90 dias. Tempo mais que suficiente para eu encontrar o que preciso.

— O que você precisa?

— A verdade. Não a verdade que você escolheu contar. A verdade que você tentou esquecer.

Ela abriu a pasta amarela.

Dentro, uma única fotografia.

Ela a empurrou para o meu lado da mesa com a ponta dos dedos, como quem empurra uma ficha de pôquer.

A foto era de 20x25 centímetros, impressa em papel brilhante de alta resolução. A qualidade era boa demais para ser uma foto de perícia — era profissional, quase artística. A iluminação vinha de um abajur à esquerda, criando sombras dramáticas que lembravam Caravaggio. O enquadramento era cuidadoso, simétrico, quase obsessivo.

No centro da foto, eu.

Nu. Totalmente nu. O corpo magro, pálido, os ossos das costelas aparecendo sob a pele como teclas de piano. O peito coberto de sangue — não um respingo, mas uma camada generosa que escorria em pequenos rios pela barriga, pelo umbigo, pela virilha. Na mão direita, uma faca de açougueiro de cabo de osso, a lâmina de 25 centímetros ainda brilhando com o vermelho vivo de sangue arterial.

Ao fundo, desfocado mas ainda reconhecível, o corpo de Marcos Alencar. De bruços. A cabeça virada para o lado. Os olhos abertos. A boca aberta. O pescoço aberto.

E no canto direito da imagem, saindo do enquadramento como uma fuga deliberada, Elena.

Nua também. Apenas uma tira do corpo dela aparecia — um ombro, parte do peito esquerdo onde a serpente tatuada começava a se enrolar, a curva da cintura, a mão direita segurando um cigarro aceso. O rosto não estava visível, mas eu sabia que ela estava sorrindo.

Eu tinha certeza.

— Quem tirou essa foto, Daniel? — Bianca perguntou.

— Ela.

— Elena?

— Sim.

— Ela tirou uma foto sua, nu, com uma faca ensanguentada, ao lado do corpo do homem que vocês acabaram de matar?

— Sim.

— E você deixou?

— Eu não deixei. Eu não estava em condições de deixar ou não deixar.

— O que isso significa?

Respirei fundo. O ar da sala parecia mais pesado agora, como se a foto tivesse sugado todo o oxigênio.

— Significa que eu tinha acabado de injetar heroína. Pela primeira vez na vida. Eu não estava ali. Não completamente.

Bianca anotou alguma coisa num bloco amarelo que ela tirou do bolso do paletó. A caneta era uma Bic preta, dessas de farmácia. Ela mordida a tampa enquanto escrevia.

— Heroína. Você usou heroína com ela?

— Usei. Uma vez. Na noite anterior ao assassinato.

— E depois?

— Depois, nunca mais.

— Por quê?

— Porque eu vi o que aquela droga fazia. Não no corpo. Na alma. Elena depois da heroína não era Elena. Era outra pessoa. Alguém que eu não queria conhecer.

Bianca largou a caneta. Cruzou os braços sobre o peito. A Glock brilhou sob a luz fluorescente do teto.

— Daniel, eu vou ser sincera com você. Muito sincera. Mais sincera do que deveria.

— Sincera, por favor.

— Eu conheci Elena em 2019. Não como investigadora. Como amiga. A gente frequentava a mesma academia. Ela era legal. Engraçada. Me ensinou a fazer agachamento sumô. A gente tomava café depois do treino.

— Ela nunca me falou de você.

— Porque ela não queria que você soubesse que ela tinha amizades verdadeiras. Elena gosta de parecer sozinha. Solitária. Inatingível. Faz parte do mito.

— E não é?

— Não. Elena é carente. Desesperadamente carente. Ela precisa de atenção como um drogado precisa da droga. Só que a droga dela não é cocaína, não é heroína. A droga dela é ser amada. E como ela não acredita que pode ser amada de verdade, ela manipula. Ela destrói. Ela testa até onde o amor vai.

— E você? Ela testou você?

Bianca ficou em silêncio por um longo momento. Os olhos azuis de geladeira velha ficaram turvos, como se ela estivesse revirando gavetas antigas da memória.

— Sim. Ela testou. E eu falhei. Por isso estou aqui. Para não falhar de novo.

— O que aconteceu entre vocês?

— Isso não vem ao caso. O que vem ao caso é que você está apaixonado por uma mulher que vai te destruir. E eu estou aqui para te oferecer uma saída.

— Que saída?

— Você me conta tudo. Tudo mesmo. Cada detalhe. Cada gemido. Cada cheirada. Cada mentira. Eu escrevo um relatório. Depois a gente decide o que fazer com você.

— E Elena?

— Elena vai ser encontrada. Com ou sem você.

— Se eu ajudar, você garante a minha liberdade?

Bianca riu. O riso era curto, amargo, sem humor.

— Ninguém garante nada nessa vida, Daniel. Você deveria saber disso. Você é escritor. Escreve sobre morte e traição e ainda acredita em garantia?

— Não acredito. Mas preciso de alguma esperança.

— Sua esperança é que eu não sou uma filha da puta. Só isso. Agora, vai começar a falar. E não vai parar até eu mandar.

Respirei fundo de novo.

O ar continuava pesado. O cheiro da sala parecia ter mudado — agora era só o meu próprio medo, misturado com o perfume barato de Bianca e o cheiro metálico do sangue da foto.

Comecei a falar.

— O primeiro dia em que vi Elena foi num bar chamado Veloso, na Vila Madalena. Eu estava sentado sozinho, bebendo cerveja quente, pensando em desistir da minha carreira, da minha vida, de tudo. Ela sentou na mesa ao lado como quem senta na própria casa.

— Que dia foi isso?

— 23 de setembro. De 2020.

— Você tem certeza?

— Tenho. Foi o dia em que minha vida acabou e começou outra.

Bianca pegou a caneta. Começou a escrever.

E eu continuei falando.

Falei por horas. Falei até a voz ficar rouca. Falei até as lágrimas virem — e eu não as segurei. Bianca não anotou tudo. Ela só ouviu. Como um padre. Como um carrasco.

No final, ela fechou o bloco.

— Amanhã a gente continua.

— Ainda não cheguei no assassinato.

— Eu sei. Mas você está exausto. E eu também. Volta amanhã. Mesmo horário.

Ela se levantou. Ajeitou o tailleur. Passou a mão na cicatriz da sobrancelha.

— Daniel?

— O quê?

— Você vai sair dessa. Mais machucado do que entrou. Mas vai sair.

— Como você sabe?

— Porque eu saí. E se eu consegui, qualquer um consegue.

Ela saiu da sala. O barulho dos seus passos ecoou pelo corredor até sumir.

Fiquei ali sentado, sozinho, com a foto de mim mesmo coberto de sangue.

Olhei para ela por um longo tempo.

Ela não piscava de volta.

PARTE UM

A QUEDA

Capítulo 1

O Escritor e o Vazio – 78 dias antes do assassinato

Narrador: Daniel

Meu apartamento na Vila Madalena tinha 52 metros quadrados de solidão.

Não uma solidão poética, dessas que os escritores romantizam em entrevistas para a televisão — "preciso do silêncio para criar", "a solidão é minha musa", esse tipo de mentira que se conta para justificar o fracasso. A minha solidão era suja. Era uma solidão de cueca furada, de louça acumulada na pia há quatro dias, de toalha de banho que cheirava a mofo porque eu não lembrava a última vez que tinha lavado.

Era uma solidão que fedía.

A infiltração no banheiro já tinha subido meio metro pela parede, formando um mapa imaginário que eu chamava de "América Latina de Mofo". O fungo começava no chão, perto do ralo

entupido, e subia em direção ao teto como uma planta trepadeira doente. Eu já tinha pensado em chamar um pedreiro umas vinte vezes. Nunca chamei. Preferia conviver com a mancha do que conviver com a vergonha de alguém vendo minha vida de perto.

O sofá era cinza, mas nasceu bege. Três anos de uso intenso e nenhuma limpeza profissional tinham transformado o tecido original numa coisa indefinível — manchas de café, de molho de tomate, de suor noturno, de lágrimas que eu jurava não ter derramado. As almofadas estavam todas amassadas, duas delas com o enchimento escapando por pequenos rasgos que eu tentava esconder com fita adesiva transparente.

A cozinha tinha exatamente três pratos, dois copos, uma caneca e uma garrafa de whisky Johnnie Walker Black que eu guardava para ocasiões especiais. As ocasiões especiais, nos últimos dois anos, haviam sido nenhuma. O whisky estava na mesma altura desde o divórcio. Eu tirava a tampa de vez em quando para cheirar, apenas para lembrar que existiam coisas boas no mundo.

O cheiro do apartamento era uma sinfonia de fracasso: mofo do banheiro, gordura acumulada no fogão que eu não limpava, poeira das estantes abarrotadas de livros que eu não lia mais, e um fundo de cigarro — apesar de eu não fumar dentro de casa

há meses, o cheiro tinha impregnado as paredes, os móveis, a cortina, tudo.

Eu era Daniel. 34 anos. Escritor.

— Escritor — essa palavra já foi motivo de orgulho. Hoje era quase um insulto.

Meu primeiro romance, *O Silêncio das Cordas*, foi publicado em 2017. A editora era pequena, independente, daquelas que funcionam no fundo do quintal de um apartamento no Bixiga. O dono, Sérgio, era um homem de 60 anos que fumava dois maços por dia e cheirava cocaína no banheiro entre reuniões. Ele tinha me descoberto num concurso literário de quinta categoria — eu ganhei o segundo lugar, uma menção honrosa que não pagava nada, mas que rendeu um contrato de publicação de 500 exemplares.

O livro vendeu 400.

Desses, 300 foram comprados pela minha mãe. Ela distribuía para os vizinhos, para as amigas do trabalho, para o porteiro do prédio, para qualquer um que cruzasse seu caminho. "Meu filho é escritor", ela dizia com orgulho de quem não entende nada do mercado editorial.

50 foram comprados por amigos próximos — ou pelo menos pessoas que eu considerava amigos na época. A maioria mentiu que tinha lido. Um ou outro realmente leu, e desses, metade não entendeu nada, e a outra metade entendeu tudo e nunca mais me olhou da mesma forma.

Os 50 restantes foram comprados por pessoas aleatórias que provavelmente confundiram meu livro com outro.

Nenhuma reimpressão. Nenhuma tradução. Nenhum convite para feira literária. Nenhum email de Hollywood querendo os direitos.

Apenas o silêncio.

E o silêncio, para um escritor, é pior do que qualquer crítica. Crítica pelo menos é resposta. Crítica significa que alguém se importou o suficiente para ter uma opinião. O silêncio significa que ninguém liga. Que seu livro entrou no mundo, fez um barulho minúsculo como um grão de areia caindo no tapete, e foi imediatamente engolido pelo esquecimento.

Sérgio, meu editor, morreu em março daquele ano. Infarto. A família encontrou três quilos de cocaína pura no apartamento dele, guardados em sacos zip lock dentro do congelador, ao lado de lasanha congelada e frango empanado.

Ninguém ficou surpreso.

No velório, a viúva dele — uma mulher baixa, de cabelos pintados de loiro e olheiras profundas — me puxou pelo braço e disse:

— Você era o único que ele respeitava. Dizia que você escrevia com o pau, não com a cabeça. Ele dizia que isso era elogio.

Eu não sabia se era. Ainda não sei.

Sem Sérgio, minha carreira editorial acabou. Não havia outro editor interessado em um escritor de 34 anos com um romance de 400 exemplares vendidos. Eu era um cadáver ambulante do mercado literário, alguém que ainda respirava mas que ninguém queria publicar.

Eu sobrevivia com bicos: revisão de textos acadêmicos para alunos de mestrado desesperados, redação de discursos de casamento para noivos que não sabiam escrever uma linha, aulas particulares de português para executivos que precisavam melhorar a escrita corporativa. Nada disso pagava o suficiente. A conta do aluguel vencia todo dia 10, e todo dia 10 eu tinha um nó no estômago.

Eu estava a três meses de perder o apartamento. A dois de minha ex-esposa parar de pagar a pensão — não uma pensão oficial,

mas uma ajuda informal que ela me dava por pena. A um de desistir de tudo e pedir para voltar a morar com a minha mãe, no interior.

34 anos. Voltando para a casa da mãe.

O fracasso tem um gosto. Não é amargo, como dizem. É insosso. É o gosto de nada. É o gosto de você abrir a geladeira, olhar para dentro, e fechar porque não há nada que valha a pena comer. É o gosto de você acordar de manhã e não ter absolutamente nenhum motivo para levantar da cama, mas levantar mesmo assim porque o corpo insiste em viver.

Na noite em que tudo começou — 23 de setembro, uma quarta-feira que eu jamais esqueceria — eu estava sentado na mesa da sala, diante da minha máquina de escrever Olivetti Lettera 22.

A Olivetti era minha herança mais preciosa. Pertencera ao meu avô materno, um homem que eu mal conhecera mas que, segundo minha mãe, passava horas e horas escrevendo cartas de amor para minha avó. Cartas manuscritas primeiro, depois datilografadas, quando ele finalmente juntou dinheiro para comprar a Olivetti usada de um amigo.

Minha avó guardava as cartas numa caixa de sapatos embaixo da cama. Depois que ela morreu, minha mãe encontrou a caixa

e leu todas. Ela me contou, anos depois, que as cartas eram as coisas mais bonitas que ela já tinha lido. "Seu avô não sabia falar de amor", ela disse. "Mas sabia escrever."

A Olivetti veio para mim no meu aniversário de 18 anos. Minha mãe a embrulhou em papel de presente, com um laço vermelho, e disse: "Você herdou o dom da escrita dele. Use isso para ser feliz."

Usei para ser infeliz. Mas a máquina não tinha culpa.

A Olivetti Lettera 22 era um modelo italiano dos anos 1960, compacta, elegante, com teclas redondas de plástico preto e uma alça de couro para transporte. O mecanismo de datilografia ainda funcionava perfeitamente, apesar da idade — as teclas eram duras no começo, exigindo força nos dedos, mas depois de alguns parágrafos elas amoleciam, como se a máquina estivesse se aquecendo para o trabalho.

Naquela noite, porém, a Olivetti estava fria. E silenciosa. E vazia.

A folha de papel sulfite enfiada no rolo estava em branco há horas.

Eu tinha escrito quatro linhas, depois rasgado, depois escrito de novo, depois rasgado de novo. O processo se repetiu umas dez

vezes, até que a lixeira ao lado da mesa transbordasse com bolas de papel amassado.

A última versão dizia:

Capítulo 1

Ele acordou como acordava todos os dias: com gosto de derrota na boca e uma ereção que não tinha para quem servir.

O resto era silêncio.

Olhei para as duas linhas. Merda. Apaguei mentalmente. Reescrevi:

Capítulo 1

O apartamento cheirava a fracasso.

Melhor. Mais direto. Mas ainda uma bosta.

Joguei o papel na lixeira. Peguei uma cerveja da geladeira — a última Brahma de um pacote de seis comprado na semana anterior. A cerveja estava quente. Não me importava mais. A cerveja quente era apenas mais um detalhe na paisagem da minha desgraça.

Bebi metade de um gole. O líquido morno desceu pela garganta com o gosto de metal e amargor. Coloquei o copo na mesa, ao lado da Olivetti. Apoiei os cotovelos na mesa, o rosto nas mãos.

Fechei os olhos.

O silêncio do apartamento era ensurdecedor. Não um silêncio de paz — um silêncio de abandono. O silêncio de quem já desistiu de fazer barulho porque ninguém vai ouvir de qualquer jeito.

O relógio da parede — um analógico barato que funcionava com pilha recarregada três vezes — marcava 23h47.

Foi nesse momento que o interfone tocou.

O som estridente cortou o silêncio como uma faca. Meu corpo inteiro deu um pulo. O coração acelerou. Senti um frio na espinha — não de medo, mas de estranhamento. O interfone não tocava há meses. Ninguém me visitava. Nem meu ex-sogro, que sentia pena de mim, vinha mais. Nem os poucos amigos que sobraram depois do divórcio. Nem a minha mãe, que preferia ligar para não ter que ver o estado do meu apartamento.

Atendi.

— Senhor Daniel? É o segurança da portaria.

A voz era de Jorge, o porteiro da noite, um senhor de 60 anos com bigode grisalho e uma hérnia de disco que o fazia andar torto. Eu o conhecia de vista, mas nunca tinha conversado com ele por mais de trinta segundos.

— Pois não, Jorge.

— Tem um motoboy aqui, senhor. Disse que é urgente. Um envelope para o senhor. Sem remetente.

Meu coração acelerou de novo. Dessa vez, não era susto. Era curiosidade.

— Pode subir.

— Ele já foi embora, senhor. Deixou só o envelope aqui na portaria. Quer que eu guarde para amanhã?

— Não. Já desço.

Desliguei. Olhei para mim mesmo no espelho da sala. Estava de pijama — uma camisa velha do meu casamento, com um boneco do Snoopy estampado e a frase "Eu só faço sexo depois do café". Minha ex-esposa, Paula, tinha comprado de zoeira, nos primeiros meses de namoro. Eu nunca soube se era piada ou diagnóstico.

O pijama estava amassado, manchado de molho de tomate na altura da barriga. Meu cabelo estava despenteado, a barba por fazer há três dias, os olhos fundos e vermelhos de insônia.

Eu parecia exatamente o que era: um homem no fundo do poço, usando uma camisa de boneco.

Desci de elevador. O corredor do térreo estava vazio, iluminado apenas pela luz fraca da portaria. Jorge estava atrás do balcão de granito, folheando um jornal velho. Ao lado dele, sobre o balcão, um envelope pardo.

— É esse, senhor.

Aproximei. Peguei o envelope.

Era de papel kraft, tamanho A4, desses de papelaria comum. Nenhuma logomarca, nenhum carimbo, nenhuma etiqueta de frete. Apenas o meu nome escrito à mão no centro, com caneta esferográfica azul:

fruta madura — sem pedir licença, sem explicar o motivo, apenas abrindo o que estava inteiro e deixando tudo escorrendo."

Olhei para a frase.

Era boa.

Era a melhor coisa que eu tinha escrito em anos.

E era dela.